

ENTRE JONGOS, JILÓS E PIRUETAS DO PENSAMENTO CIENTÍFICO

AGOSTINI, Camilla, *Entre lugares*. Rio de Janeiro: Paisagens Híbridas, 2022. (Coleção Memórias de Paisagens). 102 p.

Refletir sobre paisagens, seu entorno, as variadas e diversas interpretações que possibilitam a pesquisadores de diferentes formações, com o objetivo de expandir o entendimento do ambiente em que vivemos para além do binômio natureza-cultura – esta é a proposta mais geral da coleção *Memórias de Paisagens*, que busca problematizar a própria noção de paisagem, trazendo experiências e sensibilidades sobre ser e estar na natureza.

No livro *Entre lugares*, para pensar sobre a paisagem de maneira interdisciplinar, reinventando e revelando sentidos inesperados para alguns lugares bem conhecidos – e outros nem tanto – somos conduzidos pela narrativa fluida, ao mesmo tempo densa e divertida, de Camilla Agostini, atualmente professora do Departamento de

Arqueologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que escreve sobre anos importantes de sua formação e atuação profissional. O resultado é um giro inusitado por histórias pessoais que trazem reflexões sobre temas importantes a respeito de relações raciais, escravidão, patrimônio, memória, entre tantos outros. Sem a pretensão de criar modelos ou definir regras, ela passa por interiores e litorais, mostrando como foi construindo sua trajetória acadêmica.

Difícil fazer uma resenha de um texto tão pessoal e sensível sem ser também um tanto contagiada pela pessoalidade. Fazia mais ou menos um mês que eu conhecera Camilla quando, depois de termos reclamado do calor insuportável de Barão Geraldo, onde fica a Universidade Estadual de Campinas, no interior de São Paulo, ela

ligou o carro e me chamou de longe: “bora procurar alguma água nessa terra quente? Não é possível que não tenha uma cachoeira em algum lugar por aí”. Com Camilla tudo sempre foi desse jeito: rápido, urgente, intenso, ao mesmo tempo leve e divertido. Assim é este livro de autoria desta grande arqueóloga e historiadora. Um passeio por diversos lugares da sua vida, paisagens que ela significou com suas histórias e histórias que também foram transformadas por sua sensibilidade pelos espaços por onde transitou, desde o início do mestrado até a vida de professora universitária.

Camilla teve uma formação interdisciplinar que se revela no seu olhar atento e seu cuidado com o entorno. Olhar treinado pela arqueologia, na qual teve sua formação inicial, apurado pela pesquisa cuidadosa em arquivos, em fontes caras aos historiadores. Seu texto mostra, porém, que no lugar de pesquisadora também há espaço para a arte, a música, a dança, o teatro. Não como pano de fundo ou lazer para momentos de distração. Se estamos falando de pessoas – no caso, seres humanos escravizados lutando para sobreviver em um ambiente hostil e violento – é fundamental procurar

conhecer, ou ao menos imaginar, o que eles sentiam, o que comiam, como cantavam, ao mesmo tempo em que trabalhavam e circulavam pelo oeste cafeeiro. Mas como chegar a essas experiências, sair da frieza do documento policial e chegar às expectativas e sonhos de homens e mulheres há muito mortos e enterrados? São muitos os caminhos possíveis, e todos eles passam pela imaginação, pela criatividade de quem escreve a história.

Ao narrar sua experiência em Vassouras, no interior do estado do Rio de Janeiro, onde conduziu pesquisa em arquivo para elaborar sua dissertação de mestrado em História Social, Camilla nos revela que leu e fichou 127 processos-crime ocorridos entre 1820 e 1880. Sua intenção era conhecer a vida de africanos submetidos à dura escravidão nas fazendas de café da região. Era muita gente, muitos nomes, situações, locais, e ela foi desenhando mapas e croquis que a ajudassem a visualizar o que ia lendo – e o livro nos brinda com um exemplo de um desses desenhos da autora, que nos coloca no movimento da pesquisa.

Mas ela precisava entender que mundo era aquele... e com seu faro apurado – como o ogro da lenda, citado

pelo historiador Marc Bloch – e seu caderno de campo em mãos, percorreu matas, foi atrás de trabalhadores, ouviu suas histórias, buscou aprender seus cantos e danças, trazendo para suas análises um grande encantamento do mundo. Ao nos contar tudo isso, faz uma reflexão importante sobre a metodologia da pesquisa em História, sugerindo ideias de como podemos trabalhar e organizar os documentos, e como a imaginação histórica contribui de maneira definitiva para a construção das análises.

Mas isso é feito sem a pretensão de “rebimbocas e parafusetas” ou outras “piruetas do pensamento científico” presentes em textos acadêmicos. A narrativa é voltada para as viagens, as pessoas que ela foi encontrando no caminho, locais e visitantes, e vamos aprendendo sobre o jongo, as pedras, alguns lugares especiais, sempre por meio de personagens que ela conheceu, como o mestre jongueiro tio Juca e dona Elza, única representante do caxambu de Vassouras que ainda estava viva à época. Desse modo, vão aparecendo fontes, ideias, inquietações e perguntas que a pesquisadora faz aos objetos e documentos, pensando em caminhos, encruzilhadas, dúvidas, saídas,

possibilidades. Aparecem, também, amigos e amigas, conversas inspiradoras, professores e professoras que ajudaram e nortearam vários momentos. Como seu orientador, Robert Slenes, que preparou um prato de jiló com carne seca depois de uma festa de jongo – para Camilla, Bob é o mestre que tem “a habilidade de transformar coisas amargas e difíceis em coisas gostosas”, como os mestres jongueiros.

Aparecem, é claro, vários percalços da pesquisa também. Como uma mulher branca de classe média que se aventurava por festas e horários não convencionais em busca de sentidos para sua pesquisa, ela narra momentos de saia justa e constrangimentos, e reflete sobre seus privilégios e suas inquietações.

Em um texto sincero e despretensioso, a professora narra, também, desvios de rota e descaminhos, como outras viagens que empreendeu em busca de sobrevivência. Trabalhou como arqueóloga por contrato, viajando para outras paragens; deu aulas em cursos de formação para profissionais variados, de guarda-parques a agentes da área de saúde, que a levaram a pequenas cidades pelo país afora. Ela nos leva junto, contando dos lugares, das pessoas e aventuras,

lembrando de paredes que tremiam ao vento da Patagônia e de um ataque de abelhas em uma busca por pinturas rupestres no vale do Jequitinhonha... Entre tropeços e novas descobertas, voltou à universidade para o doutorado, e a novas viagens, agora pelo litoral, buscando rastros de desembarques no Brasil de africanos ilegalmente escravizados. Com a mesma fluidez, ela nos conta que fez seu doutorado em História trazendo a Arqueologia para bem perto, mostrando como o diálogo entre as duas disciplinas pode e deve ser colaborativo e profícuo.

Ao longo de sua trajetória, a autora foi montando um jeito de ensinar e discutir ensino e aprendizagem que pode inspirar tanto jovens historiadores e arqueólogos em busca de temas e de ideias para trabalhar com fontes escritas, como professores lidando com

os desafios do cotidiano em sala de aula, que tantas vezes sufoca a criatividade e a alegria do trabalho. A perspectiva interdisciplinar aparece como possibilidade de intercâmbio próspero entre conhecimentos distintos e complementares, mostrando que é possível levar para espaços abertos, fora do ambiente universitário, muito do conhecimento ali produzido, de maneira interessante e inteligente, como em uma peça de teatro para crianças sobre a luta de escravizados por liberdade, ou em visitas e debates em museus, parques e áreas verdes das cidades. Camilla Agostini mostra, neste livro despretenso e de leitura prazerosa, que é possível refletir sobre metodologia, pesquisa, ensino e extensão de uma só vez, e ainda rir e passear por lugares novos, com fotografias, croquis, anotações e muita inspiração.

Gabriela dos Reis Sampaio  

Universidade Federal da Bahia

doi: 10.9771/aa.v0i67.55005